



## Mito e imaginário

### Marcos Frederico Krüger Aleixo

*(Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa, professor do Departamento de Língua e Literatura Portuguesa da UA)*

Certa vez, um aluno da Licenciatura em Letras em Parintins, Amarildo Menezes Gonzaga, me procurou para que o orientasse em seu trabalho de Mestrado. Trazia, como fonte primária, material básico, um auto do boi Caprichoso, que coletara lá mesmo, na Ilha. Tratava-se de assunto alheio à minha área de atuação, que é a da Literatura. Face à insistência do mestrando, não tive outro jeito a não ser achar um meio-termo, que satisfizesse a mim e a ele, ou seja, um campo explosivo que conciliasse, paradoxalmente, a literatura e o boi-bumbá.

O resultado, cerca de dois anos depois, foi uma dissertação bastante “enxuta”. É esse trabalho que, face à ausência do Amarildo neste evento, me permito expor aqui em suas linhas gerais. Afinal de contas, foi um trabalho a dois – muito mais a dois do que costuma acontecer normalmente. Intitula-se “Geografias do Boi” e analisa não só um auto, como o seu desdobramento na literatura e o seu antecedente mítico. Foi estruturado em três etapas, chamadas, por ordem de apresentação, de “O Percurso Mítico”, “O Percurso Folclórico” e “O Percurso Literário”.

Basicamente, o trabalho informa que, quem assiste ao Festival Folclórico de Parintins, não imagina que o amor (ou o ódio) por um dos bumbás envolvidos na disputa possui um componente mitológico: a adoração (e o temor), desde os tempos primeiros da humanidade sobre a Terra, a deuses animais ou a entes superiores com partes do corpo “animalizadas”. No caso específico da festa parintinense, o remanescente mítico se relaciona à figura do boi. Dizer isso, porém, não constitui novidade, haja vista que os mais variados aspectos de nossa civilização têm suas raízes no mito. É o caso, a propósito, do Carnaval, oriundo, segundo alguns autores, das comemorações com que, na Antigüidade Clássica, se homenageavam Baco, Saturno e Pã – este, um ser híbrido, metade homem, metade bode.





Eis aí, portanto, a tese principal que enformou o trabalho: o boi-bumbá é um sucedâneo do culto a antigas divindades. Se contextualizarmos o boi (ou touro) em diferentes culturas, poderemos constatar que ele, algumas vezes, é símbolo de bondade, de calma, de força pacífica, de capacidade de trabalho, de sacrifício. Por causa de tantas características positivas, o boi foi venerado em distintas sociedades desde o paleolítico, segundo o que se lê no livro *Deuses Animais*, de Elizabeth Lloib. Também adorados foram Ápis, no Egito, e Buchis, em Tebas. E temos ainda Mnevis, deus em Heliópolis. Muitos outros exemplos poderiam ser citados, mas isso apenas tornaria cansativa a exposição. Pode-se concluir quanto a esta parte, chamada de “O Percurso Mítico”, que há certa analogia entre a adoração e o temor ao deus touro com o encerramento da “brincadeira” folclórica, quando se mata o boi e distribuem-se sua carne e vísceras. Apesar do simbolismo da morte, o amor da comunidade permanece e o novo deus renasce no ano seguinte.

No segundo momento, passa-se a considerar o boi no folclore. Vê-se, então, que o boi não é mais o ser divinizado do passado, uma vez que houve redução do seu *status*, em conseqüência de transformações sociais ocorridas ao longo da História. Apesar disso, ainda o vemos consubstanciado como uma figura viva no imaginário dos homens.

Hoje, o boi se insere em festividades de caráter popular. Possui resquícios do antigo posto de deus tão-somente no conjunto das ações de determinados grupos, sendo precariamente personificado, num simulacro do antigo acervo cultural dos antepassados.

É vasto o espaço cultural ocupado pelo boi-bumbá no território brasileiro. Do Sul ao Norte, ele aparece com alterações, de acordo com a realidade cultural de cada lugar. E não só recebe nomenclaturas distintas, como acréscimo e exclusão de personagens que fazem parte do ritual da dança. O mesmo pode ser dito em relação à data de apresentação.

Na Amazônia, admite-se que o boi-bumbá foi trazido pelos migrantes nordestinos durante o ciclo da borracha, em que pese o registro anterior de Robert Avé-Lallemant, no livro *No Rio Amazonas* [1859]. Eis o que esse viajante nos conta:

Vi um outro cortejo, logo depois da minha chegada, desta vez em homenagem a S. Pedro e S. Paulo. Chamaram-no bumba (...). De repente as chamas dalguns archotes iluminaram a rua e toda a cena. Duas filas de gente de cor, nos mais variegados trajés de mascara-



dos, mas sem máscaras – porquanto caras fuscas eram melhores – colocaram-se uma diante da outra, deixando assim um espaço livre. Numa extremidade, em traje de índio de festa, o tuxaua ou chefe, com sua mulher; este era um rapazola bem proporcionado, porque mulher alguma ou rapariga parecia tomar parte da festa (...) na outra extremidade da fila um boi, de cujos lados pendiam uns panos, tendo na frente dois chifres verdadeiros. Um homem carrega essa carcaça na cabeça e ajuda assim a completar a figura dum boi de grandes dimensões.

De qualquer maneira, durante o ciclo da borracha houve a propagação. Explorados em sua força de trabalho nos seringais, os trabalhadores transplantaram uma vigorosa festa folclórica. Talvez essa força se tenha estabelecido como válvula de escape para as agruras do cotidiano. Seja como for, houve um enriquecimento do imaginário regional, pois, até então, coexistiam, no espaço amazônico, apenas a mitologia indígena e, devidamente modificado, seu correspondente na sociedade de caboclos ribeirinhos. Pelas características que assumiu, principalmente no Amazonas, pode-se afirmar que o boi-bumbá é um descendente direto daquele que ocorria no Maranhão.

O folclore do boi, pouco a pouco, ganhou espaço na Amazônia, sendo disseminado da maneira mais criativa possível em diversos lugares. Com o tempo, recebeu infiltrações de elementos significativos em sua estrutura, enriquecendo ainda mais as possibilidades de interpretação. Como referência, evidencia-se a roupagem dada a ele quando chegou ao município de Parintins.

Consideremos, inicialmente, o boi Garantido, o do signo vermelho. Segundo o senhor Porrotó, entrevistado pelo autor de “Geografias do Boi”,

o Garantido surgiu com o mestre Lindolfo Monteverde, que era um pescador que tinha o costume de ouvir histórias de seu avô, ex-escravo maranhense, que contava que na sua terra natal existia um boi feito de pano, que animava adultos e crianças na hora da brincadeira. Por causa disso, ele criou o Garantido, no dia 12 de junho, que é até na véspera de Santo Antônio, do ano de 1913.

Já o Caprichoso, chamado de “o signo azul”, teve como informante um certo Zé Caiá (José Pantoja do Carmo). Segundo esse senhor,

o Caprichoso só foi criado graças aos irmãos Roque e Antônio Cid, que tinham vindo do Ceará para cá pro Amazonas na época em que as coisas estavam boas por aqui, porque a borracha estava dando





dinheiro. (...) Eles botaram primeiro o Caprichoso lá em Manaus, depois é que o Antônio Cid veio pra cá pra Parintins e trouxe o boi junto, em 1913. Aqui seus iniciadores foi o próprio Antônio Cid, ajudado pelo Boboi, o Luís Gonzaga, o Emídio, o José Leocádio e o Nascimento.

Em seguida, “Geografias do Boi” transcreve o auto “original” do Caprichoso, analisando-o quando aos componentes estruturais, segundo a teoria do francês Greimas, e literários, vendo nestes um sistema de representações sociais.

Vejamos, agora, “O Percurso Literário”, ou seja, a transposição do folclore do boi para a literatura. Constatamos, por exemplo, que ele é o assunto de “O Miolo”, narrativa do livro *O Outro e outros contos*, de Benjamin Sanches. Igualmente, Carlos Gomes, em *Mundo mundo vasto mundo*, trabalhou o motivo em “Rebolo” e “Bumbá”. No trabalho “Geografias do Boi”, foi sobre este último conto – “Bumbá – que incidiu a análise dos motivos literários. Deixemos de parte categorias da ficção, como personagens, espaço, enredo e narrador. Fixemo-nos na proposta política do conto. Lemos, em determinada passagem da história, o seguinte:

Na porteira do curral, uma armação de estrela vestida de papel vermelho. Um dia, a eletricidade – visita bissexta – apareceu por aquelas bandas. A estrela vermelha – viu-se – tinha em seu ventre uma lâmpada que acendia e apagava igual a um vaga-lume. E passou a noite inteira jogando piscadelas para o povo. O povo compreendeu. A estrela vermelha fascinava-o.

Essa inserção admite considerações. O narrador e, por trás dele, o autor empírico chamado Carlos Gomes, não percebe o folclore como manifestação alienante da prática política. A estrela vermelha é uma alusão ao socialismo e fica evidente que só o povo pode realizá-lo. Outro tópico de ordem sociológica diz respeito à memória histórica de Manaus, a qual se concretiza na descrição das iguarias da época junina, vendidas por uma personagem chamada preta Bárbara. As iguarias eram: tapioca, tacacá, bolo-podre, etc. Ao se referir à cor da vendedora, assinala a formação de um contingente populacional negro, expulso do trabalho nos seringais devido ao fim do ciclo da borracha. As informações existentes sobre a formação da cidade de Manaus indicam que o bairro é o da Praça 14 de Janeiro, à época muito distante do Centro. Não por coincidência, o boi Estrela, o protagonista do conto de Carlos Gomes, é preto, à semelhança do Caprichoso. Sem registros oficiais com-



probatórios, a memória popular parintinense diz que o “Diamante Negro” teve origem num homônimo de Manaus, levado para a Ilha Tupinambarana. E comprovamos isso no registro, há pouco lido, feito por Zé Caiá.

Dessa forma, o “Auto do boi Caprichoso” e o “Bumbá”, de Carlos Gomes, ligam-se pelo contexto histórico, pois o boi da Praça 14 e o Estrela, apesar da diferença de nomes, são os mesmos.

Ambas as narrativas não contêm apenas similaridades históricas. As duas possuem estruturas semelhantes, não fosse uma inspirada na outra. Para citar um exemplo, digamos que, em ambos os casos, o protagonista, que é o Amo no Auto e Severino no conto, deseja obter ou conservar um bem: o Caprichoso, num caso, e o Estrela no outro.

Para finalizar, “Geografias do Boi” examina, na “Conclusão”, a questão dos duplos, uma das mais importantes da literatura. Começa por considerar que, em qualquer dos percursos – o mítico, o folclórico ou o literário –, homem e touro formam um par indissociável, em que este (o touro) é o alter ego daquele.

Na literatura, duplos são Dom Quixote e Sancho Pança, Fausto e Mefistófeles, Sherlock Holmes e o Dr. Watson. A essa altura, não fica difícil constatar que o boi é um duplo, embora heterogêneo, do homem. Ele oscila, podendo assumir uma das sete modalidades seguintes: o perseguidor, o gêmeo, o bem-amado, o tentador, a visão do horror, o salvador, o duplo no tempo.

Terminemos, porém, nossa exposição sobre o conflituoso amor entre homem e boi. Se o homem se projeta em duplos animais, é porque sente a imperiosa necessidade de fazê-lo. Como bem definiu Juan-Eduardo Cirlot, no seu *Dicionário de Símbolos*, a duplicação, numericamente, corresponde ao dois e, portanto, ao conflito. O que significa que o homem, a quem imputaríamos a metáfora de ser o número 1, não basta a si próprio. Há que se fracionar para se afirmar como ser. Para se afirmar como Ser, fugindo ao Nada.

